

Brasil reinicia a negociação amanhã

O Brasil antecipou da próxima segunda-feira para amanhã o reinício das negociações com o comitê assessor dos bancos credores privados em Nova Iorque, em torno da dívida de US\$ 67 bilhões com essas instituições. Um dos principais negociadores desta rodada, o assessor especial do ministro da Fazenda para a Dívida Externa, Fernão Bracher, informou ontem, antes de embarcar para os Estados Unidos, que a proposta que estará na mesa de negociação é a mesma que ele próprio e o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, apresentaram ao comitê no último dia 25 de setembro, em Washington.

Ontem, Bracher acrescentou algumas informações novas sobre a parte não-convencional da proposta. Ele disse que os credores que optarem pela conversão de seus créditos com o Brasil (ou parte deles) em bônus de longo prazo a juros fixos e baixos terão a garantia brasileira de que esses créditos não serão reescalados e não estarão sujeitos à moratória. Além disso, terão prioridade para a conversão dessa dívida, ou parte dela, em investimentos de risco no País. Bracher disse que o Brasil não desistiu do deságio dos bônus. Mas este agora estará embutido, ficando na dependência da maior ou menor capacidade do País de pagar sua dívida.

Parte convencional

A parte convencional da proposta envolve basicamente o refinanciamento dos juros vencidos neste ano depois da moratória, declarada em 20 de fevereiro, num total de US\$ 4,3 bilhões, e os que vencem em 1988 (US\$ 3 bilhões) e 1989 (US\$ 3,1 bilhões). Estes va-

lores, num total de US\$ 10,4 bilhões, não estão incluídos na soma do principal de US\$ 67 bilhões.

Ainda nesta parte da proposta, o Brasil pretende incluir um dispositivo prevendo o refinanciamento automático da parte dos juros que exceder um determinado limite que pretende negociar.

Os negociadores brasileiros estão instruídos para negociar uma taxa baixa de juros e de «spread» (taxa de risco). Este deverá ser um dos pontos mais difíceis da renegociação. Fernão Bracher não quis antecipar o percentual em que o Brasil está pensando.

Otimismo

Bracher embarcou otimista e disposto a permanecer nos Estados Unidos, junto com o outro negociador, o diretor do Banco Central para Assuntos da Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, o tempo que for necessário para esta rodada de negociações. Eles serão acompanhados por outros cinco assessores do Ministério da Fazenda e Banco Central, dois deles das respectivas procuradorias jurídicas.

Apesar do otimismo, Bracher não acredita num acordo antes do próximo dia 26. Nesta data, vence o prazo para uma eventual reclassificação do Brasil como pagador. Bracher não crê no rebaixamento do País para a categoria de devedor duvidoso, o que obrigaria os bancos americanos a fazerem provisões para cobrir o prejuízo com os juros não pagos pelo Brasil. Ele acha que a disposição do País em negociar os resultados positivos de sua economia evitarão esta decisão, que pioraria o clima, agora favorável, de renegociação.